

«Monumentalização» e «necropolização» no megalitismo europeu

Do Sul da Suécia à Península Ibérica ocorrem, ao longo da fachada atlântica, durante o Neolítico e os inícios da Idade dos Metais, dezenas de milhares de monumentos funerários para enterramento colectivo que se convencionou designar «megalíticos». Em larga medida, essa expressão é enganadora, uma vez que pressupõe uma certa homogeneidade que, na verdade, não existe, nem no plano cultural, nem mesmo, mais especificamente, ao nível arquitectónico. De facto, as escavações arqueológicas provaram que as oferendas funerárias que tais monumentos continham se encastam profundamente nas raízes culturais de cada região, diferindo muito entre si. Por outro lado, nem só pedras de grande tamanho — pressupostas na palavra «megalítico» — foram utilizadas na construção destes sepulcros, uma vez que muitos deles, dos mais antigos (Barnenez, na Bretanha francesa, por ex.) aos mais recentes (Newgrange na Irlanda, entre outros) apresentam as respectivas câmaras encimadas por «falsas cúpulas» delimitadas por lajes horizontais sobrepostas, normalmente de bem mais pequeno porte do que as grandes tampas que cobrem os dólmens na sua forma «clássica». Assim, a pretensa unidade do «fenómeno megalítico» surge-nos mais como uma primeira (falsa) impressão dos arqueólogos, do que propriamente como algo de muito consistente no plano arqueológico ou pré-histórico. Como escrevia Glyn Daniel em 1973: «Não foi a unidade das estruturas megalíticas, mas a sua sobrevivência devida ao facto de serem construídas em pedra durável, que causou a confusão na mente dos arqueólogos, que, aceitando que elas foram todas construídas com pedras de grandes dimensões e usaram técnicas especiais de construção, as conceptualizaram numa categoria geral de «megálitos», categoria essa que tinha os seus criadores e portanto um lugar de origem. (...) Os construtores de megálitos da Europa correspondem à população neolítica da Europa Ocidental que, em várias áreas, desenvolveu uma arquitectura monumental em pedra. Sem dúvida que muitas destas comunidades mantinham relações entre si e intercambiaram técnicas, motivos artísticos e outros elementos, mas a unidade que se pensou existir entre monumentos megalíticos diferentes da Europa não é a unidade dos megálitos mas o padrão comum da sociedade neolítica e calcolítica como um todo» ⁽¹⁾. Acontece aqui, afinal, algo que é bastante frequente, banal mesmo, no processo do conhecimento: começamos por conceptualizar os fenómenos globalmente, encerrando-os por vezes, na sua heterogeneidade, sob uma designação comum, para só mais tarde nos apercebermos do simplismo de tal categorização, passando então a uma fase de «desconstrução» dos conceitos que nós próprios criámos e tornámos familiares pela continuidade do seu uso...

Por isso nos vemos hoje constantemente obrigados a chamar a atenção para o polimorfismo dos «monumentos megalíticos» europeus, à medida que as modernas

⁽¹⁾ Cf. G. Daniel, Spain and the problem of european megalithic origins, *Estudios dedicados al Professor Dr. Luís Pericot*, Barcelona, 1973, pp. 209-214.

escavações, muito detalhadas e exaustivamente documentadas, vão escalpelizando esta primeira grande arquitectura da Humanidade, em cada uma das regiões em que se manifestou. Trata-se de um problema muito complexo, que já tivemos oportunidade de abordar em diversos trabalhos (2). Diga-se aqui, apenas, que os derradeiros difusionistas — autores que procuram explicar o megalitismo europeu com base na expansão de protótipos a partir de uma região bem definida (Próximo Oriente para uns, Península Ibérica para outros... mas, perguntamo-nos de passagem, por que razão haveriam esses monumentos de ter surgido primeiro nessas regiões e não noutras?! — procuram recorrer a certos «denominadores comuns», como seria o ritual de enterramento colectivo ou, mais especificamente, o chamado dólmen de corredor, para sustentar as suas teorias. É o caso do galês H. N. Savory (3), ou do irlandês George Eogan (4). Mas, infelizmente para esses autores, a noção de «ritual de enterramento colectivo» é tão vaga, e a sua ocorrência tão generalizada na Pré-história europeia, que ela constitui frágil sustentáculo para uma ampla teoria difusora. O mesmo se poderia dizer do conceito de «dólmen de corredor», pois a única coisa que as construções a que se atribui tal designação têm em comum é serem feitas, pelo menos parcialmente, com pedras (de maior ou menor formato) e de possuírem uma galeria de acesso à câmara funerária, a partir da entrada do monumento, normalmente situada na periferia da mamoa (para utilizar uma expressão popular portuguesa), ou *tumulus* (montículo artificial de terra, pedras, ou de terra e pedras que, «escondendo» o «megálito» no seu seio, lhe dá verdadeira monumentalidade). Contra todas as evidências, o carácter tenaz das teorias difusionistas expressou-se ainda recentemente (1985) na obra do especialista francês Roger Joussaume, destinada ao grande público, *Des Dolmens Pour les Morts*, em cujas conclusões finais, seguindo Savory, ele escreve: «A neolitização do ocidente da França parece resultar de uma colonização oriunda do Sul mediterrânico, passando pelo litoral da Península Ibérica nos finais do VI milénio a.C. Teria havido portanto contactos entre estas diversas regiões e uma delas pode ter influenciado a outra no sentido da edificação destas primeiras arquitecturas. Em seguida, podem-se ter criado contactos idênticos com a Grã-Bretanha e os países nórdicos, introduzindo nestes últimos o dólmen de corredor nos *tumuli* alongados de origem local» (5). E ainda há meses (Dez. 86) o reputado investigador bretão

(2) Por ex., Em torno de alguns problemas do megalitismo europeu, *Arqueologia*, n.º 8, Dez. 1983, pp. 12-22; Polymorphisme des tumulus préhistoriques du Nord du Portugal: le cas d'Abobreira, *Bull. de la Société Préhistorique Française*, t. 83, n.º 6, pp. 177-182.

Entre outros exemplos de constatações recentes de polimorfismo, mesmo à escala regional, atente-se nas seguintes palavras de Darvill sobre os túmulos da região de Cotswold-Severn (Grã-Bretanha): «(...) embora se possa sugerir um certo número de grupos tipológicos gerais, não há nada que se assemelhe a uma forma típica. Cada túmulo apresenta uma combinação única, individualizada, correspondendo a um sub-conjunto de um muito mais vasto conjunto de características possíveis, o que, em consequência, torna os túmulos artefactos extremamente difíceis de tratar pelo arqueólogo». E, adiante, corrobora a mesma afirmação nestes termos: «Os túmulos de Cotswold-Severn são altamente individualizados, não há dois que tenham a mesma organização de elementos, e mesmo os que se encontram mais próximos espacialmente podem variar de forma notável». (T. C. Darvill, *The Megalithic Chambered Tombs of the Cotswold-Severn Region*, Highworth, Vorda Publications, 1982, pp. 12 e 77 respectivamente).

(3) Por ex., The role of the upper Duero and Ebro basins in megalithic diffusion, *Bol. Sem. Est. Arte y Arqueol.*, Valladolid, XL-XLI, 1975, pp. 159-174; The role of Iberian communal tombs in Mediterranean and Atlantic Prehistory, *Ancient Europe and the Mediterranean*, Warminster, 1977, pp. 161-180.

(4) Por ex., conferência realizada na S.P.A.E. (Porto), em 27 de Maio de 1986.

(5) Cf. *Des Dolmens pour les Morts. Les mégalithismes à travers le monde*, Hachette, 1985, p. 371.

Por seu turno, J.-P. Mohen, o escavador dos *tumuli* de Bougon (Deux-Sèvres, França), prefere falar de uma forma mais vaga e mais prudente: «Os monumentos sagrados da pré-história da Europa

J. L'Helgouach evocava em Orense (Galiza), no Congresso dedicado a Florentino Cuevillas, as «sepulturas circulares do Sudeste ibérico» como possíveis protótipos do megalitismo europeu, sugestão manifestamente descabida...

Enfim, como escrevíamos em 1983, o megalitismo «é um fenómeno plural, cujas soluções têm de ser também plurais: no plano meramente arqueológico, no plano pré-histórico e no plano da sua significação sócio-económica e ideológico-religiosa (nível antropológico)» (6). Esse facto, todavia, não deve fraccionar a nossa visão numa série de dados de significação puramente local, diferente de zona para zona. Uma perspectiva comparativa vai sendo possível, justamente à medida que dispomos de boas análises regionais, e dessas perspectivas ressaltam certas linhas de força, se não comuns a todo o megalitismo europeu, pelo menos de amplo significado. Só que essas linhas de força não apontam para um difusionismo, nem para a procura de raízes culturais comuns, mas situam-se num plano muito mais abstracto, paleoantropológico. Na sequência do nosso trabalho de 1983, iremos aflorar aqui apenas algumas dessas questões (7).

Uma delas é a tendência, verificada em várias áreas europeias, para uma evolução das arquitecturas no sentido *do simples para o complexo*, o que não implica que tal evolução seja unilinear e que não tenham coexistido, em vários momentos, arquitecturas «simples» e «monumentais». O referido processo é advogado por diversos autores, como K. Kristiansen para a Escandinávia (8), O'Kelly (9) e G. Burenhult (10) para a Irlanda, Scott (11) e Henshall (12) para a Escócia, T. C. Darvill (13) para os monumentos do grupo de Cotswold-Severn (País de Gales e parte da Inglaterra), F. Lynch (14) para o País de Gales também, etc.

Um outro aspecto, relacionado com o anterior, é o da existência, em certas regiões da Europa, do que chamaríamos um *processo de «monumentalização»*, isto é, de progressivo engrandecimento, em sucessivas campanhas de ampliação, de um mesmo monumento, que evidentemente se não pode apenas nem sobretudo explicar pela ideia pragmática de aumentar o espaço funerário útil, mas tem pelo menos que ver com um incremento, em certas fases, da função simbólica do *tumulus* no seu conjunto. Assim, certas sepulturas, pela sua grandiosidade, pela existência de átrios ou de fachadas que parecem destinados a enquadrar muitas pessoas durante a realização

occidental resultam provavelmente de um movimento unitário no seu fundo, mas com expressões muito variadas». (Les architectures mégalithiques, *La Recherche*, n.º 161, Déc. 1984, p. 1.538). Compreensível num trabalho de divulgação, é óbvio que esse conceito de «movimento» peca pela imprecisão, não tendo validade científica, a nosso ver.

(6) *Op. cit.* na nota 2, 1983, pp. 12-13.

(7) *Ibidem*, pp. 20-21.

(8) K. Kristiansen, The formation of tribal systems in Later European Prehistory: Northern Europe, 4000-500 B.C., *Theory and Explanation in Archaeology*, New York, Academic Press, 1982. pp. 241-286.

(9) M. J. O'Kelly, The megalithic tombs of Ireland, *Antiquity and Man*, Londres, Thames and Hudson, 1981, pp. 177-190.

(10) G. Burenhult *et alii*, *The Archaeology of Carrowmore. Environmental Archaeology and the Megalithic Tradition at Carrowmore, Co. Sligo, Ireland*, Stockholm, Institute of Archaeology at the University, 1984.

(11) J. G. Scott, Clyde cairns of Scotland, *Megalithic Enquiries in the West of Britain*, Liverpool University Press, 1969, pp. 175-222.

(12) A. S. Henshall, Scottish chambered tombs and long mounds, *British Prehistory — a new outline*, Londres, Duckworth, 1974, pp. 137-164.

(13) *Cf.* Darvill, *op. cit.* na nota 2 *supra*.

(14) F. Lynch, Towards a chronology of megalithic tombs in Wales, *Welsh Antiquity, essays presented to H. N. Savory*, Cardiff, National Museum of Wales, 1976, pp. 63-79.

de cerimónias, constituem *verdadeiros dispositivos cénicos* laboriosamente projectados, construídos e sucessivamente «restaurados» e engrandecidos pelos homens do Neolítico da Europa atlântica. Nunca será demais acentuar a importância do facto de muitos *tumuli* serem «*multi-period monuments*»; isso significa que a sua construção, tal como chegou até nós, não resulta de um acontecimento isolado, mas de um processo de «manutenção» ao longo do tempo. É certo que em sociedades mais complexas esta tendência se acentuará ⁽¹⁵⁾.

De notar que, em certas regiões europeias, o processo de «monumentalização» a que acabamos de nos referir se traduziu na passagem de um ou mais *cairns* circulares a uma forma rectangular ou trapezoidal de maiores dimensões, passagem essa que alguns autores atribuem à influência dos *tumuli* alongados sem câmara megalítica interna. Como exemplos, poderemos mencionar, entre tantos outros, os monumentos escoceses do grupo O-C-H (Órcades-Cromarty-Hébridas), cujos *cairns* seriam originalmente pequenos, circulares, mas, a partir de certa altura, deram lugar a *tumuli* maiores, numa acentuação do seu sentido ritual, simbólico, sobre o puramente funcional. A propósito, escreve Henshall: «Os *cairns* alongados, derivando da série dos *tumuli* alongados sem câmara de pedra, são geralmente, se não sempre, acrescentamentos a túmulos já existentes» ⁽¹⁶⁾. Mais perto de nós, no Centro-Oeste francês, encontramos um fenómeno análogo na necrópole de Champ-Chalon, escavada por R. Joussaume. O *tumulus* B tinha inicialmente a forma circular, e continha uma câmara quadrangular de corredor descentrado; posteriormente, foi-lhe adossado um novo sepulcro de corredor, de planta idêntica à do primeiro, mas incluído num *cairn* quadrangular, que, estendendo-se para a extremidade oposta do monumento no seu conjunto, acabou por lhe conferir uma forma geral trapezoidal, com c. de 15 m. de comprimento ⁽¹⁷⁾.

Entretanto, noutros casos, por razões cronológicas e/ou culturais que para já nos escapam, o fenómeno descrito não se verificou. Não se ampliaram ou transformaram monumentos já existentes, mas nem por isso se deixou de continuar a atribuir a determinado local o significado funerário-religioso implícito na edificação do primeiro ou dos primeiros monumentos. Foram-se assim construindo, nas suas proximidades, novos *tumuli*, que acabaram por constituir necrópoles mais ou menos vastas. A essa multiplicação, num certo espaço, de monumentos de dimensão genericamente semelhante (mau grado a sua possível variabilidade interna) damos o nome de *processo de «necropolização»*. O que permite distinguir conceptualmente este fenómeno do anterior — distinção que nos parece ter um valor heurístico inegável na abordagem do megalitismo europeu — não é tanto a presença de necrópoles, que, como vimos, podem estar presentes no primeiro caso considerado, mas a ausência de monumentos que são alvo de acrescentamentos, ou seja, da «monumentalização» referida. Como exemplos, basta-nos pensar na necrópole de Carrowmore, na Irlanda, onde, em 32 monumentos remanescentes (de um conjunto inicial provavelmente muito mais vasto), não nos surge um único dólmen de corredor, em nítido contraste com as enormes construções do vale do Boyne, que parece representarem o ápice de todo um processo arquitectónico. Na zona de Carrowmore apenas existe um grande *cairn*, «Queen Maeves' Grave», situado na parte mais alta da montanha que domina o conjunto megalítico, o qual, apesar de não escavado, poderá representar localmente

⁽¹⁵⁾ Cf., por ex., D. L. Oliveira, *Monuments and social complexity: a new line of enquiry?*, *Oxford Journal of Archaeology*, vol. 5, n.º 1, 1986, pp. 103-107.

⁽¹⁶⁾ *Op. cit.* na nota 14 *supra*, p. 152.

⁽¹⁷⁾ Cf. R. Joussaume e R. Cadot, *Les tumulus néolithiques de Champ-Chalon à Benon, Charente-Maritime (France). Présentation préliminaire*, *Arqueologia*, n.º 14, Dez. 1986, pp. 45-58.

o «clímax» da construção megalítica (18). Se considerarmos agora os conjuntos tumulares do Norte de Portugal, nos quais, apesar do seu polimorfismo e variável cronologia (a confirmar a permanência, ao longo do tempo, dos espaços formalmente afectos aos mortos), nos surgem repetidamente mamoaas de pequenas dimensões (sobretudo se comparadas com exemplares europeus), as quais jamais contêm mais do que uma estrutura pétreia interna, verificamos estar perante um fenómeno análogo. Um fenómeno de nuclearização espacial, mas onde o esforço construtivo se dá num sentido «descentralizador», de multiplicação na paisagem de *tumuli* relativamente semelhantes nas suas dimensões, em vez de se concentrar num ou em alguns monumentos nos quais se investe, ao longo do tempo, uma excepcional força de trabalho, como a que está implícita em *cairns* como o de Barnenez, na Bretanha. Trata-se de duas opções diferentes, uma vez que a forma, dimensão, disposição relativa e implantação na paisagem dos *tumuli* megalíticos não resultam do acaso, mas são uma linguagem simbólica inscrita pelo homem no espaço, ao mesmo título que os alinhamentos ou círculos de menires que, qualquer que seja a sua relação com os sepulcros, representam uma marcação simbólica do mesmo espaço pelo homem pré-histórico europeu.

Qualquer tentativa de explicação das duas opções genéricas mencionadas em termos de maior ou menor hierarquização social subjacente seria, no plano geral em que nos situamos, evidentemente abusiva. Tanto a «monumentalização» como a «necropolização» parecem revelar uma mesma realidade de fundo, já sugerida: a fixidez dos espaços funerários, a polarização da actividade simbólica e da organização social em torno de «lugares centrais» cuja carga religiosa é óbvia. Mas a explicação de cada caso terá de ter em conta as suas condicionantes culturais próprias, como pode ser, por ex., a presença ou não, na mesma área, de grandes *tumuli* alongados sem câmaras megalíticas internas, que são essencialmente um fenómeno setentrional europeu, o qual está ausente, por ex., na Península Ibérica. Por outro lado, temos de ter sempre presente que as sociedades se não espelham de forma directa nas suas realizações materiais, e muito particularmente nas que estão envolvidas na esfera do comportamento simbólico, como Hodder tem acentuado. Ainda, há que nunca esquecer que a criação de uma «paisagem cultural» que os monumentos megalíticos implicam pode ter, subjacentes, ideologias diversas, estruturas sociais e económicas diferentes. Estamos de acordo com Burenhult quando afirma que «(...) a variabilidade, mais do que a uniformidade, parece ter um papel importante na compreensão da actividade megalítica, tanto no que diz respeito à morfologia dos túmulos como aos sistemas de subsistência e de povoamento inerentes» (19). Esta atenção à variabilidade dos fenómenos, e simultaneamente a procura de linhas de força dos mesmos, com assunção plena dos diferentes níveis a que ambas se situam, é um dos aspectos mais relevantes do pensamento arqueológico contemporâneo.

VÍTOR OLIVEIRA JORGE

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto

(18) Cf. Burenhult, *op. cit.* na nota 10 *supra*, p. 146.

(19) *Ibidem*, p. 142.